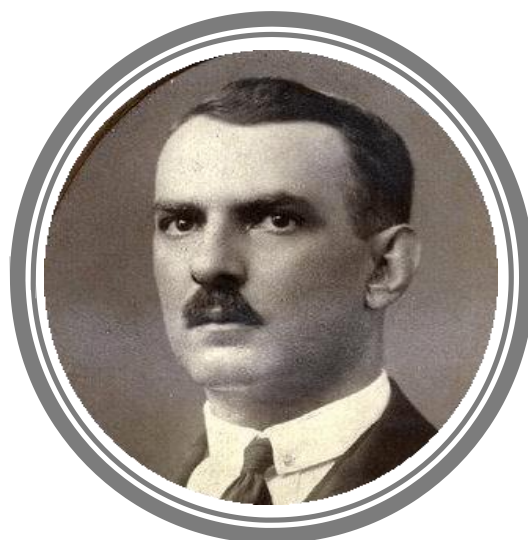




ANTÔNIO PORTO DE OLIVEIRA

1885 – 1978

Júlio Nobre Cruz

Membro Titular da Academia de Medicina do Pará

A honra que tenho de pertencer a esta Academia é sobejamente acrescida pela ocupação da Cadeira que tem como Patrono o saudoso Professor Antônio Porto de Oliveira, de quem tive o privilégio de haver sido discípulo e que, com notoriedade, a argúcia de sua inteligência e a maneira singular de transmitir seus ensinamentos, fez despertar em mim admiração e respeito indeléveis, sentimento apenas devotado aos meus grandes mestres.

Quis o destino que galgasse esta Cadeira para gozo de fortuna sentimental, pois os predicados culturais, morais e intelectuais daquele que a exorna como Patrono serviram-me de paradigma, em decorrência de magníficos exemplos, ora abrindo novas perspectivas em minha formação acadêmica médica e no magistério superior, ora me incentivando a cultivar e dignificar a ciência com os padrões mais elevados que ela tanto nos merece.

Especialista em Psiquiatria, foi Professor Catedrático da Cadeira de mesmo nome na pioneira Faculdade de Medicina e Cirurgia do Pará tendo, ao lado de outros devotados vanguardeiros da Medicina em nosso Estado, contribuído exemplarmente para o seu crescimento e engrandecimento, que a fizeram merecer o mais elevado conceito perante as escolas médicas do Sudeste do país.

Elogio ao Patrono da Cadeira nº 36, proferido em sessão solene à noite de 28 de junho de 1989 e posteriormente publicado nos Anais da Academia de Medicina do Pará, volume 1, páginas 22 a 31, 1990.

Na época, a Psiquiatria constituía um grande desafio para aqueles que se propunham conhecê-la, estudá-la, pesquisá-la e, sobretudo, exercê-la. Um contingente muito reduzido de profissionais a adotou como especialidade, talvez pela escassez de informações científicas, talvez porque solicitasse abnegação, discernimento, cautela, sensatez e, sobretudo, perspicácia. Eram, praticamente, autodidatas.

Somente em meados do século passado tornaram-se universalmente conhecidas as primeiras teorias no campo da Psiquiatria, através dos trabalhos de Mesmer, Charcot, Pinel, Freud e, mais tarde, Krepelin e Krestchmer.

Franz Anton Mesmer licenciou-se em Medicina em 1766 e escolheu para assunto de sua dissertação acadêmica um tema incomum: “Influência dos planetas no corpo humano”, cujo original, conhecido como *De Planetarium Influxu*, mostra claramente a sua filosofia especial, aliás muito prematura para a época. O centro de gravidade dessa filosofia que, por sinal, causou grande malquerença entre seus colegas, tinha o seguinte fundamento: “Que o sol, a lua e as estrelas fixas, estavam em relação mútua, cada qual nas suas órbitas, que produziam e dirigiam um fluxo e um refluxo, não só no mar, mas na atmosfera, que influenciavam de modo semelhante todos os corpos orgânicos, por meio de um fluido móvel que ocupa todo o Universo e atrai todas as coisas, juntamente numa comunicação e harmonia mútuas”. Esta teoria de Mesmer é muito semelhante à de Hoffman, “mais perfeito que todas as matérias, mas não exatamente espírito, alma ou inteligência”. Aí, então, observa-se a ansiedade dos cientistas do século passado em encontrar soluções, até mesmo empíricas, como eram consideradas as terapêuticas magnéticas de Mesmer, para curar doenças das mais variadas causas, sobretudo as de natureza nervosa. A filosofia de Mesmer alicerçava-se na existência de uma força natural, que ele mesmo denominava de magnetismo animal. “Só há uma doença e só há uma cura”, declarava. Sua concepção de doença era o desequilíbrio das forças naturais do corpo, e a cura, a recuperação desse mesmo equilíbrio.

A experiência de novos tratamentos vinha revolucionando o meio médico do século passado. Surgiu, então, a terapêutica hipnótica, com James Braid, cirurgião escocês. A este procedimento denominou *Análise racional do sono nervoso*. Só mais tarde veio a ser adotada a denominação de hipnotismo, oriunda do grego *hipnos*. O hipnotismo difundiu-se com rapidez, chegando até Paris, onde provocou acontecimentos importantes para a Medicina. Foi então

que Jean Martin Charcot fundou uma Clínica Psicológica e Neurológica no famoso Hospital de Salpêtrière. Investigado sobre o hipnotismo, chegou à conclusão de que era ele uma condição patológica semelhante ao histerismo.

Charcot, cujo nome é até hoje reverenciado nos tratados sobre História da Medicina, foi um excelente investigador, porém um clínico de pouco talento, chegando mesmo a não se interessar muito pelos doentes nervosos. É oportuno transcrever um trecho da magistral biografia que lhe fez Haveloch Ellis: “Para investigações puramente psicológicas, Charcot não tinha gosto e, provavelmente, nenhuma aptidão. Quem quer que tivesse o privilégio de observar seus métodos de trabalho na clínica Salpêtrière, repararia facilmente na figura atlética do grande mestre, em sua expressão desdenhosa, por vezes um tanto amarga, e no aspecto altivo a que os entusiásticos admiradores denominavam napoleônico. As perguntas dirigidas aos enfermos eram frias, distantes, por vezes impacientes. Charcot tinha, evidentemente, pouca fé no valor de qualquer resultado obtido”.

Após Charcot, surgiu Sigmund Freud, outro estudioso das doenças nervosas e mentais. Formou-se em Medicina em Viena, indo para Paris antes mesmo de iniciar a sua clínica. Ficou impressionado com o que viu em Salpêtrière e, sobretudo, com a personalidade de Charcot. E, sob sua influência, resolveu dedicar-se à terapêutica das doenças nervosas. A filosofia de Freud baseava-se no princípio de que “a compreensão da doença psíquica consciente está no reino do subconsciente”. Enfatizou a importância dos conflitos do subconsciente como causa de doenças funcionais, e demonstrou em seguida a maneira pela qual estes conflitos podiam ser suprimidos. Na realidade, sua grande contribuição para a Medicina foi a invenção de uma técnica pela qual os planos mais recônditos do cérebro podiam ser explorados: a Psicanálise.

Além de Mesmer, Charcot e Freud podemos citar ainda como grandes estudiosos, e que foram em verdade os pioneiros de uma terapia mais humana, combatendo as masmorras, as sevícias e os exorcismos muito em prática na época, as figuras eminentes de John Conolly e Philippe Pinel. Também não podemos deixar de citar as figuras exponenciais de Krepelin e Krestchmer.

Os doentes mentais eram considerados no século XIX e início do século XX como possuídos pela força do demônio e, por isso mesmo, não eram considerados doentes, recebendo em vez de tratamento médico, castigos que iam desde o abandono, às sevícias e prisões em celas minúsculas, muitas vezes acorrentados e algemados. Este era o procedimento universal para o doente mental.

Mais tarde, novos horizontes científicos surgiram em favor dos insanos. No Brasil, em 1848, D. Pedro II, estarrecido com a promiscuidade e o tratamento desumano que se proporcionava aos infelizes maníacos, ordenou a imediata construção de uma casa onde fossem abrigados os doentes mentais. Quatro anos após essa decisão, em 3 de dezembro de 1852, inaugurava-se o primeiro hospício para alienados no Brasil, localizado na Praia Vermelha, no Rio de Janeiro. Já no limiar do século passado surgiu a pessoa do grande mestre Professor Juliano Moreira, centralizando as atenções da Psiquiatria nacional, ao lado de outros notáveis como Henrique Roxo e Afrânio Peixoto, professores de Antônio Porto de Oliveira.

Em Belém do Pará, a situação obviamente não podia ser diferente daquela dos centros mais desenvolvidos. Tomo como referência o trabalho de Edmundo Cutrim (1986), do qual transcrevo: “Até o ano de 1833 os loucos eram recolhidos às prisões comuns, sofrendo a punição pelo crime de serem doentes. Nessa época cabia à Santa Casa de Misericórdia do Pará prestar socorro e assistência pública. Através de seu Provedor, Cônego Batista Campos, o Presidente da Província, Lobo de Souza, foi lembrado do cumprimento da Lei Municipal Título 3º, Art. 66, parágrafo 3º que delegava à Câmara a defesa pública contra a divagação de loucos, embriagados, animais ferozes e danados, sugerindo ao Município a aquisição de uma casa destinada aos doentes mentais. Em consequência, os loucos mais agitados e furiosos eram encaminhados à antiga Olaria do Tucunduba, transformada na época em Leprosário. Em razão dessas aberrações, Belém, já destinada a ser uma grande metrópole, só conseguiu no século passado, mais precisamente em 1892, a inauguração do Hospício de Alienados, mais tarde com muita justiça denominado Hospital Juliano Moreira, que hoje, para obedecer à execução de técnicas de tratamento de doentes mentais conceituadas como “modernas”, acabou sendo demolido. Admitimos ter sido esta uma das grandes perdas para a assistência aos doentes mentais em nossa cidade.

Um dos grandes entusiastas do Hospital Juliano Moreira, a que dedicou grande parte de sua vida, contribuindo de maneira decisiva para o seu desenvolvimento, foi justamente o Prof. Antônio Porto de Oliveira que, por graça divina não testemunhou a sua dolorosa destruição.

Antônio Porto de Oliveira era baiano de nascimento. Despontou para a vida no dia 26 de dezembro de 1885, em Salvador. Como quase todos que se glorificam na arte, nas letras, na música ou na ciência, não teve um nascimento de ornamentos doirados, até porque

seus ascendentes não eram dotados de recursos financeiros. Já menino teve que enfrentar as dificuldades de uma sobrevivência compatível com sua origem. Foi, ainda em sua tenra idade, um combatente, tendo de enfrentar as mais árduas batalhas, mas pela sua tenacidade e bravura saiu-se sempre vitorioso.

Seu pai era Tito Cardoso de Oliveira e sua mãe, Albertina Porto de Oliveira, descendentes de portugueses. Tinha como avós paternos Rodolfo Cardoso de Oliveira e Maria Virgínia Matos Cardoso, e maternos, Antônio Augusto dos Santos Porto e Leonor Bastos dos Santos Porto.

Seus ascendentes eram intelectuais e cultivavam também a política. Por suas ações altruísticas sempre deram exemplos de dignidade que se propagaram pelos descendentes. Sua avó Leonor, por exemplo, que na época morava em Recife, dedicava-se à causa dos escravos, como adepta fervorosa do abolicionismo, amparando os filhos dos escravos em espécie de creche que mantinha com recursos próprios, mesmo com o sacrifício de despojar-se de joias ou pertences de valor, a fim de mantê-la em toda sua plenitude. Por isso mesmo foi relacionada entre as “Mulheres heroicas do Brasil”, ao lado de Ana Nery e de Maria Quitéria.

Tinha um tio de grande projeção social, homem de letras, diplomata, permanecendo por vários anos como Embaixador do Brasil em Portugal.

Seu pai era um estudioso das ciências exatas. Destacando-lhe a ressonância que conseguiu e a dimensão a que ascendeu como extraordinário matemático, Eidorfe Moreira, em sua respeitável obra “O Livro Didático Paraense” (Belém, 1979), assim o retrata: “Foi no primeiro quartel deste século que surgiu a maior figura da literatura Matemática no Pará. Nenhuma outra o suplantou nesse particular, sobretudo no que respeita ao número de edições e ao volume de venda de suas obras. Trata-se de Tito Cardoso de Oliveira, que ocupou, em relação a essa matéria posição idêntica à de Paulino de Brito em relação ao ensino da língua vernácula em nosso Estado. Pela excelência do método e pela aceitação que tiveram, suas obras alcançaram tiragens só comparáveis às das Gramáticas deste notável mestre da língua. Por isso, e para todos os efeitos, Tito Cardoso de Oliveira é a correspondência de Paulino de Brito no campo da Matemática. Legou-nos quatro excelentes obras dessas matérias: *Aritmética Rudimentar*, para o curso elementar; *Aritmética Complementar*, para os cursos primário, normal e comercial; *Geometria Primária*, para os cursos elementar, complementar e comercial; e os *Exercícios Graduados*, coleção de cadernos com

numerosos exercícios e problemas destinados aos cursos elementar e complementar” (Edições da Livraria Escolar, de Porto de Oliveira & Cia., Belém, Pará).

Antônio Porto de Oliveira teve doze irmãos. Em 1967 ainda existiam Alice de Oliveira e Silva, Aluísia de Oliveira Martins e Francisco Porto de Oliveira.

Teve seis filhos, vários sobrinhos, netos e bisnetos. Teve uma infância difícil, mas a que não faltaram merecidos lances de esplendor. Entre alguns de seus depoimentos, simples e modestos, mas com a franqueza que o caracterizava, encontram-se revelações como as que seguem: “Aos dez anos, por dificuldade de família, fui levado ao Rio de Janeiro para convivência com minha avó materna que ali morava em companhia dos filhos, um dos quais fabricante dos cigarros Itatiaya. Recordo que, entre outros afazeres empacotei cigarros e acompanhava a velha Leonor aos passeios pela cidade, sobretudo às igrejas. O Rio, em 1887, tão diferente do atual. Eram pontos afastados, Botafogo, Leme, Copacabana, este onde existia a igreja preferida de minha avó. Visitei Petrópolis. Foi inesquecível a inauguração da igreja da Candelária”. Mais tarde seu tio foi transferido para Manaus e ele o acompanhou. Em Manaus trabalhou no comércio de perfumaria, num grande estabelecimento de ferragens e numa agência de vapores portugueses.

Em 1889, já melhorada a situação econômica de seu pai, na época residente em Belém, veio para esta cidade, talvez mais influenciado por seu tio Virgílio Cardoso de Oliveira, intelectual de renome e projeção, insigne educador, no seu tempo considerado figura de rara estirpe entre os mais representativos dos círculos do pensamento em nosso Estado. Sobrelevou-se não apenas como pedagogo, mas como homem público. Foi Diretor Geral da Instrução Pública, em cujo desempenho se distinguiu por sérias e avançadas iniciativas, das quais duas lhe bastariam para credenciá-lo ao respeitoso apreço do porvir à condução do mais fecundo Congresso Pedagógico de que se tem notícia na vida educacional do passado paraense, instalado sob a presidência do Governador José Paes de Carvalho em 1º de janeiro de 1901, no salão nobre do antigo Lyceu Paraense, e a fundação de *A Escola*, revista oficial do ensino, de afamada repercussão, que galhardamente manteve a partir de 3 de maio de 1900, e por longo tempo, o ativo respaldo de vultos da envergadura de um Arthur Vianna e um Francisco de Vilhena Alves, de um João Marques de Carvalho, um Geminiano de Lyra Castro, de um Castro Pinto e muitos outros. No volume número 20 dessa Revista, de 30 de novembro de 1901, encontra-se firmado pelos

membros da Comissão do Conselho Superior da Instrução Pública, Augusto Olympio de Araújo e Souza, Antonio Firmo Dias Cardoso Junior e Virgílio Martins Lopes de Mendonça, o parecer sobre o seu livro *Leitura Cívica*, aprovado para adoção no curso superior do ensino primário e no curso normal. Proclamando-o como “modelar na época sobre o assunto”, Eidorfe Moreira ressalta que é com ele que o autor culmina suas qualidades didáticas fora da Geografia, ramo em que nos legou três obras: *A Terra* (Geografia Geral e Cosmografia), *A Pátria Brasileira* e *A Terra Brasileira* (Geografia do Brasil). Sacramento Blake, em seu Dicionário Bibliográfico Brasileiro (Rio de Janeiro, 1902), menciona ainda da lavra do autor outros trabalhos de natureza literária e histórica.

Antônio Porto de Oliveira viveu sua infância entre Salvador, Recife, Rio de Janeiro, Manaus e Belém. Nessas auguras já podia alimentar esperanças de realizar o seu grande sonho, que era estudar nos cursos preparatórios. E assim o fez. Quando se considerou apto, prestou exames em estabelecimentos do governo. Era um procedimento da época. Aprovado, regressou à Bahia em 1904, aos 19 anos de idade, e prestou exames na Faculdade de Medicina de Salvador.

Refere, o Prof. Clóvis Meira, em sua notável obra *Médicos de Outrora no Pará*, publicado em 1986, que foram companheiros de Porto de Oliveira em Salvador: Gastão Vieira, Pedro da Cunha, Sulpício Ausier Bentes, Orlando Lima, Renato Chaves, Agostinho Monteiro, Lauro Magalhães, Augusto Raul Borborema. Todos esses profissionais se tornaram, pelo brilhantismo de suas inteligências, muito famosos em nossa terra.

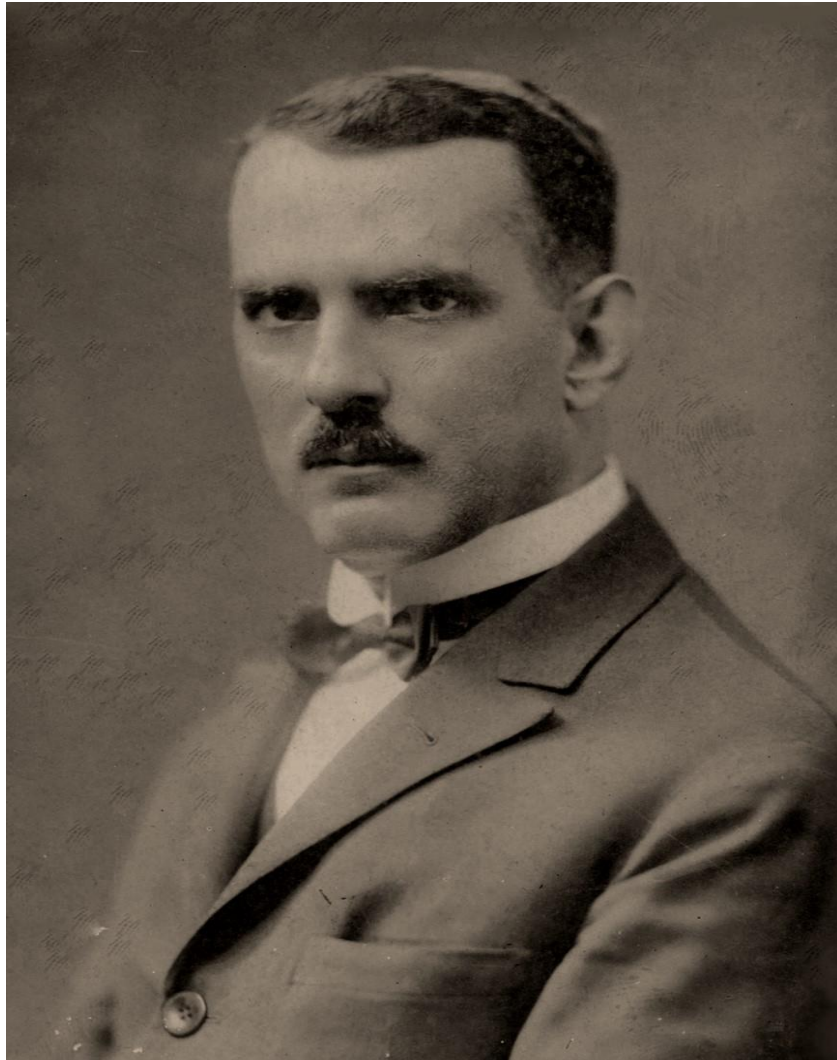
Antônio Porto de Oliveira, no 4º ano de seu curso médico, transferiu-se para o Rio de Janeiro, já com a intenção de ser psiquiatra. Foi levado por Gaspar Vianna, também estudante de Medicina, à presença de Juliano Moreira, que mediante concurso o recebeu como acadêmico interno do Hospital de Alienados.

Concluiu o seu curso em 1909, com 24 anos de idade, retornando em seguida para Belém. Em 1919, juntamente com Camillo Salgado e outros eminentes médicos da época, fundou a Faculdade de Medicina e Cirurgia do Pará.

Em 1930 assumiu pela primeira vez a Direção do Hospital Juliano Moreira em que foi revezado inúmeras vezes até o ano de 1954.

Fui seu aluno em 1953. Nossas aulas foram sempre ministradas no Hospital Juliano Moreira, em forma de mesa redonda,

sempre com a presença do paciente. Inspirava-se sempre nas doutrinas de Krepelin Krestchmer. Muito calmo, paciente, tranquilo, em franco contraste com aquele ambiente agitado que caracteriza um hospital de alienados.



Dr. Antônio Porto de Oliveira,
recém-graduado em Medicina.

Era um grande amigo dos estudantes, solidário às causas justas da classe acadêmica. Simplicidade, humildade, serenidade e personalidade marcante eram suas características pessoais.

Foi casado duas vezes, a primeira com a senhora Olindina Sá e Souza Porto de Oliveira. Com ela teve cinco filhos: Alberina Porto de Oliveira, que mais tarde casaria com Alfredo Albano Martins; Theodolinda Porto de Oliveira, que desposaria Everaldo Silva; Maria Lúcia Porto de Oliveira, que desposaria Antonio Folha; e os

engenheiros Camilo e Artur Porto de Oliveira. Ficou viúvo e depois contraiu suas segundas núpcias com a senhora Júlia Porto de Oliveira. Para seus familiares era carinhosamente chamado Tio Tônico.

Antônio Porto de Oliveira foi um combatente de grandes combates, percorrendo longas caminhadas e enfrentando grandes obstáculos. Reto, leal, caráter personalizado por sempre dignas atitudes, chegou a abdicar de algumas de suas ambições em benefício de colegas. Perderia seus interesses, mas não perderia o amigo. Como professor, mantinha um relacionamento tão afetivo com seus alunos, que um deles, mais adiante também psiquiatra, talvez por influência sua com muita propriedade declara que suas aulas constituíam um “colóquio pedagógico”. Caracterizavam-se pela profundidade do conhecimento, pela multiforme erudição e talvez tenha sido o ensino da Psiquiatria a maior realização de toda a sua vida.

Como Diretor do Hospital Juliano Moreira, instituição cujo desaparecimento ainda lamentamos, soube com probidade e muita doação enfrentar dificuldades financeiras, superando-as com discernimento e habilidade. Resta-nos a esperança de ver um dia nossa cidade dotada de um novo Hospital de Alienados, à semelhança do Juliano Moreira, e a convicção de que seus gestores, mais conscientes e sensatos, terão a sensibilidade de fazê-lo ostentar a justíssima homenagem de sua denominação como “Professor Antônio Porto de Oliveira”.

A Academia de Medicina do Pará, reconhecendo no velho mestre todas as qualidades aqui referidas, homenageia-o de modo muito singelo como o Patrono de sua Cadeira número 36. E me confia a condição de seu primeiro membro titular. Na condição de seu ex-discípulo sinto-me profundamente honrado por hoje ocupá-la e tudo farei para que sua imagem edificante, repleta de magníficos exemplos, seja invariavelmente evocada na memória do nosso silogeu, com toda a pujança de sua dignidade.

REFERÊNCIAS

CRUZ, Júlio Nobre. Porto de Oliveira: o Mestre da Psiquiatria no Pará. **Anais da Academia de Medicina do Pará**, v. 1, p. 22-31, 1990.

CUTRIM, Edmundo. **Resenha histórica da assistência aos doentes mentais no Pará**. 1986.



Antônio Porto de Oliveira



Patrono da Cadeira nº 36



Notas da Editoração

Antônio Porto de Oliveira faleceu em Belém a 11 de novembro de 1978, aos 92 anos de idade. Saiba mais sobre ele em:

<https://www.geni.com/people/Antônio-Porto-de-Oliveira/6000000001960033302>

Nosso confrade Dr. Júlio Nobre Cruz, primeiro ocupante da Cadeira nº 36, faleceu em Belém a 17 de maio de 2005, aos 78 anos de idade. Foi sucedido na Academia de Medicina do Pará pelo Dr. Bruno Acatauassú Paes Barreto, a 13 de agosto de 2013. <https://www.geni.com/people/Ant%C3%B4nio-Porto-de-Oliveira/6000000001960033302>

